A emancipação dos oprimidos e explorados é obra dos próprios oprimidos e explorados

Indice

Editorial

A luta se mantém e cabe prepararmos para suas grandes necessidades. Manter materiais, construir possibilidade de ruptura e reflexão sobre a responsabilidade do que estamos desenvolvendo é parte. Sem fundamentos libertários, não conseguimos se manter criticos diante da opressão e exploração e buscar o seu fim.
Agradecemos a tod@s os contribuintes e fica o convite, enviem seus materiais.

Saúde e anarquia!

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta (desde 2003) para divulgação e propaganda do anarquismo, organização autonoma sem partidos, sem Estado, sem patrões, sem religiões.

Aurora Obreira, revista mensal para divulgação das expresões anarquistas e afins. Nº 17 de Agosto de 2012 - Ano II.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra e Ovelhas Negras
Esta revista foi feita com soft livre: Libreoffice, Inkscape, Gimp, Scribus e sistema operacional Ubuntu 12.04 - Precise Pangolin.

Contatos:
fenikso@riseup.net
lobo@riseup.net

Barricada Libertária
CP: 5005 - CEP: 13036-970 Campinas/SP

http://anarkio.net

Estudos Anarquistas
Proposta

Saudações anárquicas,

Diretamente ao ponto, o objetivo é desenvolver conceitos chaves para a prática anarquista, libertária. Não se preocupa em tornar o anarquismo ou seus representantes em “objetos de estudos científicos ou algum ismo escolar e delimitado” que levaria a uma esférica profissional acadêmica, o que já existe e com professores bem pagos pelo Estado.

Ao estudar o anarquismo pretendemos gerar as condições para que cada elemento participante tenha disponível não uma teoria/ideologia/corrente acabada, pronta para ser usada como uma receita de bolo, e sim, um conjunto de elementos para que sejam usados imediatamente, seja no trabalho, seja na escola, seja na família, seja no bairro, seja com xs amigxs, seja com nas relações amorosas, ou seja, em todo lugar e qualquer situação em esteja e viva.

Se propõe a partir dos conceitos que cada um traz sobre o anarquismo, de forma coletiva elaborar uma reflexão temática, incorporando as experiências e contribuições que oportunamente são apresentadas. Esse exercício já se faz no espirito libertário que todxs são ao mesmo tempo aprendizes e mestres, professores e alunos e que cada uma é parte da sociedade.

Sugerido inicialmente os seguintes princípios orientadores e comuns ao anarquismo (mas não necessariamente compartilhado por todxs):

Autogestão – Ação Direta – Apoio Mútuo – Antiautoritarismo – Classismo Combativo – Poder Popular – Solidariedade Revolucionária – Luta Popular – Anacionalismo

Partindo da construção desses conceitos, se pretende com as diversidade de experiências dos participantes, de suas leituras de textos, livros e principalmente de suas práticas (seja em ocupações, de greves, de movimentos sociais, de lutas contra tiranias, debates políticos, enfrentamentos diários diante de tantos autoritários que sustentam e reproduzem um sistema injusto, opressor e explorador) , formaremos a nossa interpretação para a questão base: Anarquia, o que é?
De forma resumida, espera-se que cada um seja elemento ativo de transformação social (seja individual, seja coletivamente) ou tenha os elementos anarquistas para uma interação critica com o seu redor.

Saúde e anarquia!

Votamos nulo Por Politica De outro jeito!

Organização Autonoma

Sem PartiDos, sem Patrões, Sem EstaDo!

Depoimento de um militante anarquista em Campinas – 1997 a 2012

Comecei a entender o anarquismo com mais profundidade em 1997, ao contatar com um grupo de Campinas, vinculado a Organização Socialista Libertária (OSL) e estavam montando uma Organização Não-Governamental (ONG) visando educação e trabalho social. Havia uma maioria de pessoas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e decidiu-se por este motivo, atuar na mesma.

Formamos uma chapa para disputar o Diretório Central dos Estudantes (DCE). Foi uma disputa contra militantes partidários em sua maioria do PT. Nossa plataforma de ação foi baseada na autogestão, incentivando a participação ampla dos estudantes e destacando uma atenção especial aos Centros Acadêmicos (CA), nos quais entendíamos estar o foco político dos estudantes sendo o referencial mais direto.

O nome da chapa era Libera, em homenagem ao periódico do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP) do Rio de Janeiro (atualmente está vinculado a Federação Anarquista do Rio de Janeiro).

A organização do pleito foi mal feita, com atrasos e a não abertura de urnas em vários locais que, coincidentemente, tínhamos mais simpatizantes, além da impugnação de outras. O resultado foi que, embora na contagem final venceu a chapa adversária, o pleito foi anulado. Com a anulação da eleição foi proposto uma nova forma de gerenciamento do DCE, via os CAs, que ficou conhecido como: “DCE de CAs” (que sofreu todas a sorte de críticas dos setores partidários do movimento estudantil da UNICAMP).

Neste mesmo ano aconteceu um encontro (Congresso) no Rio Grande do Sul, da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), a qual a OSL era legada. Durante uma semana conhecemos as atividades e companheiros de algumas cidades da grande PoA (Porto Alegre) que desenvolviam trabalho com reciclagem, conscientização ecológica etc. Vários atuavam no Movimento Estudantil (ME).

Em Campinas, embora estivéssemos se esforçando, as coisas não andavam. O grupo não conseguia crescer. Depois de algum tempo solicitei meu desligamento, o compromisso com o grupo era grande e os resultados que obtínhamos ficava muito a desejar.

Procurei, então atuar dentro da Universidade e entrei em contato com os anarco-punks de Campinas, eles tinham um espaço na periferia chamado, Espaço Cultural Dona Tina. Um espaço sui generis, mantinham várias atividades, uma biblioteca. Formamos um Círculo de Estudo Anarquista.

A construção do processo foi através do consenso dos interessados o que impôs uma dinâmica simples e objetiva, todos se manifestavam acrescentando pontos de vista diferentes. Começamos os estudos pela Colônia Cecília. Como é história, um assunto puxa outro, assim discutimos também a Primeira Associação Internacional do Trabalho (1a AIT), sobre Mikail Bakunin, etc. Reuníamos duas vezes por mês, ou quando combinávamos.

Estudava no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP), onde o Centro Acadêmico (CACH), preocupado com a política universitária e dos conchavos partidários, deixavam uma sensação de vazio para os estudantes do IFCH, principalmente aos estudante do curso noturno, que era meu caso.
Assim, resolvi montar um jornal, chamava-se Fênix.

O primeiro eu botei do meu bolso, já que, quanto expus minha idéia ao CACH, foi tratado de forma fria e sem nenhum interesse. No final do ano, houve eleição, e entrou um pessoal de compromisso com os estudantes, pé no chão e colocaram em dia o CACH, a gestão "Pão na Chapa". Esse pessoal realizaram algumas reformas e acertaram as contas do CA.

O Fênix começou a ser impresso através do CA na Gráfica do IFCH. Embora apoiando em momento nenhum eles tentaram interferir na prática do Fênix que era aberta a todos sem restrições.

O CA tinha seu boletim chamado "Cacheiros Viajantes". Ao final do ano houve nova eleição. Alguns colegas pensaram em montar uma chapa. Entrei nesta experiência, a chapa era "Ação e Participação". Ganhamos a eleição, fui o escolhido o presidente, talvez porque ninguém mais quisesse tal cargo. Era

estudante, trabalhava e agora tinha que lidar com o CACH.

Fiz o melhor que pude, dentro do pensamento libertário, sempre mantive aberto todos os espaços e todas as necessidades do estudantes, estimulava-os a agir. A experiência mostrou que o meio acadêmico tem necessidades discrepantes, conflitantes e em muitos casos diferentes da sociedade local. O que destaco neste período foi apoio financeiro ao Espaço Cultural Dona Tina e ao Cursinho Herbert de Souza (ambos de periferia da cidade). Também ajudamos a Rádio Muda, na compra de gerador e outros equipamentos.

Ao final do ano de 1999 houve nova eleição. Fui convidado a participar da chapa Mesmo, como coordenador de imprensa, que aceitei. Com sua vitória, continuei a atuar na política estudantil, participando da greve de 2000. Fomos a São Paulo, tivemos embates com a tropa de choque na Av. Paulista. A truculência notória da polícia foi manchete nacional e um repórter ficou cego de um olho e muitos foram presos ou marcados a bala de borracha.

Neste período, a reitoria (dita democrática) começou fechar a UNICAMP com cercas e alambrados, argumentando "medidas de segurança". O Reitor também mandou fechar o Restaurante Universitário perto da Reitoria. Dizia que iriam reformá-lo, mas não tinham planos nenhum neste sentido e que de fato não aconteceu. O R2, como era conhecido se transformou em outra coisa.

Neste período de greves, fizemos duas importantes ocupações na UNICAMP, uma da Portaria de Carros perto da Creche, durante uma manhã e a outra foi do prédio da Diretoria Acadêmica (DA). Mantivemo-nos neste prédio três dias, um final de semana e conseguimos a negociação direta com a reitoria.

Ao final do ano, entrei em contato com a Resistência Popular (RP) e foi feito um encontro em Campinas (na UNICAMP), com anarquistas e simpatizantes. Um mês depois, em dezembro, encontrei um militante do Comitê Pró-Luta Popular (COMLUT) e após uma conversa, resolvi participar do grupo.

No 1o de maio 2001 fizemos um ato na periferia de Campinas em conjunto com a Frente de Mobilização de Desempregados (FMD) que havia sido criado naquele período. Também a ONG Casa Lampião ajudava nossas atividades. Durante o ano fomos preparando jornais, fortalecendo contatos e aumentando a possibilidades de trabalho e intervenção na sociedade. Conseguimos espaço no bairro Vida Nova e Vila Formosa.

No final deste ano foi formado a Frente de Ação Libertária para Transformação Social (FALTS) na qual estive presente na sua formação.

No 1o de maio de 2002, conseguimos faze-lo na Estação Fepasa (atual Estação

Cultura), onde o COMLUT grava o evento e após edita um fita de propaganda e formação. A FALTS apresenta um teatro sobre os Mártires de Chicago. Os participantes da cooperativa da Vila Formosa montaram um quiosque de salgados e de produtos artesanais.

Neste ano eu me desligo do COMLUT por motivos pessoais. Ao final do ano com a necessidade de fazer algo mais desenvolvo a idéia do “Barricada Libertária”, formando uma rede de informação com página na internet e a distribuição de jornais pelo país.

Em 2003 continuei com a produção do jornal e de textos. Cheguei a ir a reuniões para formação de uma Federação Anarquista de São Paulo, que não se desenvolveu. Novamente ao final do ano, voltei ao COMLUT.

No início de 2003, montamos um grupo de estudo na UNICAMP, o Núcleo de Estudos Sobre Anarquismo Especifista-Plataformista (NESAEP), que visava desenvolvimento do conhecimento anarquista. Neste grupo, havia um militante do Fórum do Anarquismo Organizado (FAO) e tentamos conciliar os interesses, o que não ocorreu.

Finalmente, desligo-me de novo do COMLUT por desavenças entre militantes.

É necessário informar a sociedade sobre a pluralidade anarquista, sobre sua justiça e liberdade. Uma vez isso feito, os indivíduos e coletivos se organizarão da forma que entenderem ser a mais adequada.

Em 2004, tenho maior contato com o Esperanto, um idioma desenvolvido para relação cultural mundial sem imposição de nenhuma forma. Com mais companheiros desenvolvemos o grupo Fenikso Nigra (Fênix Negra), que uniria a divulgação do esperanto e do anarquismo. Nesse grupo produzimos jornais e fazemos ações de primeiro de maio, do chamado de Encontro da Juventude Rebelde em Araraquara e que depois muda o nome para Expressões Anarquistas.

Já em 2005, pelo esperanto, participava do KCE (Clube Cultural de Esperanto), vou a Porto Alegre para o 40º Congresso Brasileiro de Esperanto, e aproveito para ir novamente ao espaço da FAG (Federação Anarquista Gaúcha), conhecendo sua sede e um pouco de suas atividades, chegando a distribuir materiais libertários no centro da cidade naqueles dias. A necessidade de organização e de ação me impelia a buscar contato com outros anarquistas, foi realizado o IV Expressões Anarquistas em Araraquara, onde fizemos manifestação de rua contra a corrupção do PT e aliados (cujo o julgamento se realiza agora, em 2012). Lá foi feita a Carta de Araraquara, onde deixamos claro

que o problema é estrutural e não haverá partido de nenhum lado que resolverá a desigualdade que mantém o capitalismo funcionando cada dia melhor.

Mantendo a produção de jornais em 2006 e tínhamos como contato e apoiador Edgar Rodrigues, o qual nos enviava materiais e livros. Nesse ano, o 41º Congresso Brasileiro foi em Campinas, onde o KCE foi parte de sua organização. Nesse Congresso participamos com um tiragem especial em esperanto do informativo Fenikso Nigra e nele fizemos uma conversa sobre o esperanto e anarquismo, sendo que o interesse foi muito grande no anarquismo. Uma coisa que conseguimos depois de acalorados debates no Congresso foi deixar, ao menos a nossa conversa aberta ao público externo, sem necessidade de inscrição prévia. Havia e há na história do esperanto brasileiro uma grande influência do espiritismo e esse imprime ao movimento esperantista grande parte de suas práticas e métodos, o que afasta parte de potenciais interessados. Em Outubro se realiza o V Expressões Anarquistas, dessa vez, em Santo André, na Casa da Lagartixa Preta, espaço do grupo Ativismo ABC. Tinha contato regular com o AABC e lá fazia uma oficina mensal de Esperanto e envia contribuição para o Baú da Dadiva (um lugar para se colocar e pegar coisas sem ser uma troca e nem ter que pagar por qualquer coisa, que depois motivaria a montarmos espaços anticonsumo). Ao final desse ano entro em contato com a Federação Operária de São Paulo e após uma conversa, me filio ao sindicalismo revolucionário.

Em 2007, começo aprofundo ações pelo anarcossindicalismo, mantendo regularidade de reuniões mensais com núcleos de outras cidades, aprofundando o conhecimento sobre a reconstrução da Confederação Operária Brasileira (COB) de 1985 para cá. Junto a FOSP, é feita a Jornada Libertária de Protesto em Julho, em Santo Amaro e também é realizado um Congresso Operário Paulista, com participação de diversos núcleos da FOSP e com a presença de delegados da FORGS, organização irmã no Rio Grande do Sul. Existe um entendimento que o movimento anarquista e movimento sindicalista revolucionário tem muito em comum, podendo atuar de forma solidária na luta por nossa emancipação e que os modelos autoproclamados por “especifistas” (eu mesmo já tinha uma experiência nesse campo) levavam a uma perigosa aliança com partidos e prática “vanguardistas”, das quais sempre procuraram desmentir embora mantenham grande parceira com partidos, até mais do que com grupos anarquistas, principalmente com punxs, dos quais não alimentam grandes simpatias. Também foi feito o VI Expressões Anarquistas foi em Campinas, realizado em

espaço do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Nesse encontro, foi criado a Coordenação Antifascista de Campinas, com ações de conscientização contra o totalitarismo e contra as práticas machistas, homofóbicas e discriminações de todas as formas.

Pela FOSP, o núcleo em Campinas produz A Plebe Campinas que foi encerrado com a saída do núcleo da FOSP, a revista Aurora Obreira que é feita até hoje.

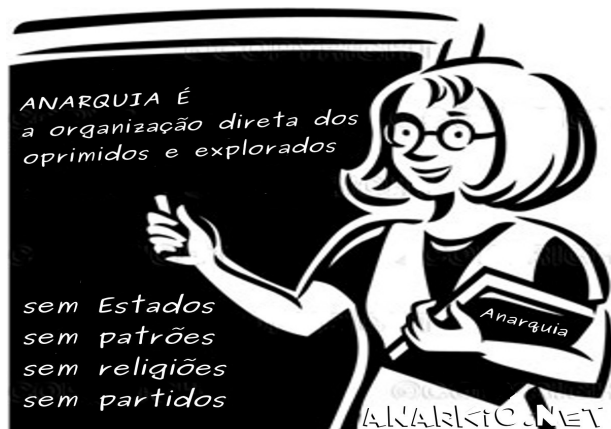
2008 foi mantido o ritmo, em tivemos no 1º de Maio, enfrentamento com a policia militar na capital paulista, com mais de 60 presos e ao menos 5 companheiros da FOSP indiciados, no que podemos entender como criminalização de movimento social. Neste período ainda uma tentativa de militantes vinculados a propostas especificistas de aparelhar a organização, mas se entregam ao não aceitarem as bases de acordo da FOSP e nem da AIT, a qual a COB pertence. Afirmaram que já pertenciam a COB de 1985 e por isso não precisavam se associar de novo. Esse fato é estranho porque a quem conhece a história sabe que houve um desmonte dos núcleo pró-COB por práticas trotkistas e que o núcleo pró-COB (em 2001) atual é reestruturado pela iniciativa da FORGS que consegue mostrar que não fez parte do golpe trosko (existem documentos onde Jaime Cubero, secretário da pró-COB daquela época, denuncia as manobras troskas para AIT-IWA).

No final do ano ocorre o Expressões Anarquistas, também em Campinas, com a presença de companheiro da CNT espanhola, e nos reunimos para acertar pontos sobre o Congresso da AIT que ocorreria no fim de 2009, em Porto Alegre e que foi realizado com sucesso, com a presença de delegados de várias seções da AIT: CNT Espanha, CNT França, FORA, SolFed, KRAS, USI, NSF, AIT Portugal, ASI, PA.

Em 2010 fazemos diversas ações locais, temos o Expressões Anarquistas em São Paulo e a Jornada Libertária de Protesto em Piracicaba. Mas ao final do ano rola um conflito interno com expulsões e que me levam a sair por não compartilhar como ocorreu. Mas não me faz parar na produção de materiais. O sitio eletrônico Anarkio.net se mantém, a Revista Aurora Obreira é continuada em 2011. No segundo semestre desse ano ocorre manifestações do Anonymous, há a Ocupação Timothy Leary no centro de Campinas, que inicia discussões sobre a prática anarquista e seu significado emancipador, que em muitos casos se confundem com práticas liberais e libertinas altamente egoístas, narcisistas, em outros casos, ficou claro que era apenas uma desculpa para uma rebeldia sem nenhum compromisso maior e um pretexto para uso exagerado de drogas

licitas e ilícitas. Tal exagero não só prejudicava a construção de um espaço anarquista, como isolava a própria iniciativa de qualquer um com uma proposta mais séria.

Já com o Anonymous, que é algo diferente, ao menos para a geração atual e que tem muitos pontos em comum com o anarquismo me levou a participar de alguns atos e também do Acampamento de 15 de Outubro e que ficamos mais de 40 dias no centro da cidade. De proposta arrojada e completamente fora do padrão partidário (o movimento é sem partidos), surpreendeu a politica tradicional, mas que logo, procura assediar pelas beiradas, impor sua influências e ditar seu calendário reformista, ou seja, contrário a proposta do Anonymous e das Acampadas. No 15 de Outubro também ocorreu o Expressões Anarquistas, dessa vez em São Paulo, no CCS-SP. No final do ano de 2011, teve a 2ª Feira Anarquista de São Paulo, na qual levamos o conceito anticonsumista e advertimos que anarquia não é mercadoria, embora era nítido na feira tal "comércio" como fim em si. Fizemos na Ocupa Timothy Leary uma Feira Anticonsumo, denunciando o consumismo desenfreado e os impactos negativos que isso causa a sociedade e ao planeta na forma de grande desperdício de recursos e aumento da concentração de renda (base do capital).

Chegando em 2012, é montado o A-Info, informativo anarquista que está no número 11, a revista Aurora Obreira que está no número 17, o informativo em esperanto Anarkio que está na edição 23, e a edição de e-livros de Kropotkin, Maria Lacerda de Moura, etc. É também começado um Estudo Anarquista na Unicamp. Assim, dentro das possibilidades e limitações que tenho, contribuo da melhor forma na construção do anarquismo e de condições para que possamos abolir as classes sociais de uma vez por todas.

Os partidos desnecessários

Como determinadas se repetem, não duas ou três vezes, mas inúmeras vezes na política. Mas um em particular tem chamado a atenção: partidos recém-fundados que se auto-intitulam como “idôneos” e “íntegros” e a razão disso, pedem insistentemente “voto de confiança”.

Mas se temos um pouco de noção de história politica, podemos descrever exatamente quantas centenas de partidos e grupos fizeram a mesma coisa e podemos contar nos dedos de uma mão quantos desse se mantiverem coerentes com seus princípios “idôneos”.

Na maioria dos casos, a traição ao voto de confiança é notório e execrável por que até então condenavam quem o fizesse. Em politica é sabido que o vinculamento a estrutura de poder e suas regras parlamentares, transformam as melhores intenções nas piores práticas (exemplos recentes ilustram a magnitude do que escrevemos).

Não podemos ser ingênuos que a ascensão ao poder através da via eleitoral de partidos que se pregam “puritanos” e “indefectíveis” transformarão a sociedade e acabarão com a desigualdade social. Ao usar da via legal, já estão acenando para manutenção do sistema. Ao usar do reformismo e do aparelhamento do Estado, não estão alterando significativamente a estrutura totalitária de poder hierarquizado. Quando apontam saídas “revolucionárias” dentro do sistema, é uma “revolução engessada” porque o controle social se mantém pela força dos dominantes e eles tem o controle disso, e não será transferido para mão de qualquer aventureiro, mas para pessoas que mostrem total fidelidade

a manutenção do sistema. E nesse caso, em qualquer ameaça real, os poderosos não terão nenhum problema de usar a violência para manterem seus interesses (temos casos recentes que mostram isso).

Ao nosso ver, o custo social para fazer o jogo parlamentar, representativo, partidário é muito alto e com o agravamento de que isso se torna um fim em si mesmo, abandonando qualquer possibilidade revolucionária de fato. A estrutura de partido é desnecessário e danoso a emancipação social, é um beco sem saída para nossa gente oprimida e explorada.

Quando propomos autogestão, estamos dizendo ruptura com esse modelo moroso que leva gerações após gerações a esperanças ilusória e amargas traições, e quem defende que o modelo partidário é necessário é no mínimo um inocente útil para o sistema de tubarões que querem é que existam mesmo esses grupos "éticos" para justificar a existência de um sistema podre, predador e assassino como é nossa "democracia capitalista". Não alimente essa farsa, fechem os partidos e união para o fim das classes sociais.

Não querem ver isso, é uma opção, mas querer me submeter a isso já é outra história. Nos manteremos ingovernáveis, sem partidos, sem patrões, sem Estado.

Flagrante nas eleições: eleitores felizes vão as urnas e outros saem satisfeitos, é a "festa da democracia obrigatória", onde os "menos piores são os caras"!
Não seja gado e nem palhaço, VOTA NULO e autogestão já!!!
Saiba mais em http://anarkio.net

XÔ CORRUPTOS!!!!

Nossa gente está cansada desses roubos sem fim que os partidos e seus politicos fazem (seja de direita, seja de esquerda).

Para parar essa roubalheira nos cofres públicos, devemos agir de forma direta, sem esses intermediários, assumindo os assuntos politicos de forma direta.

Não fique de fora, desvio de dinheiro é menos creche, menos escolas, menos saúde, menos segurança, menos habitações, menos empregos e só uns poucos é que se dão bem!

Proteste, não eleja quem irá de roubar!!!
VOTO NULO E AÇÃO DIRETA, VAMOS PARA RUAS POR JUSTIÇA E LIBERDADE!

Por autogestão nas cidades e campos!

Esperanto como instrumento de equilíbrio cultural

Pelo Esperanto, conhecemos várias culturas diferentes e o mais importante, aprendemos a respeita-las e compreender a importância da nossa própria cultura nesse mundo.
Após um aprendizado e convívio com o esperanto, é nítido que ele é e funciona como um instrumento de equilíbrio nas relações interculturais de uma forma que até agora nenhuma outra língua até hoje foi capaz de fazer.
Pessoas dominantes, hierarquizadas e autoritárias (seja a quem manda, seja a que obedece), na maioria das vezes não consegue entender, ou menospreza o fato de que vivemos em uma guerra de classes com consequências culturais, seja pela força das armas de países que invadem outros, seja pelo controle econômico que leva uma cultura inteira a se anular ou se adaptar as influências das culturas dominantes.
Não estaríamos ouvindo música “country”, ou comemorando “hallowen”, se não fosse a influência das culturas de origem inglesa, e não estaríamos correndo atrás de escolas de mandarim, se a China se mantivessem provençal do tempo dos imperadores. Isso só ocorre porque como potências econômicas e bélica, se tornam de uma maneira muito danosa, um referência mundial e queremos imitá-los, entende-los, lambe-los, curvar-no a sua grandeza e negar nossa própria origem e história.
Voltando ao Esperanto, não há uma “Esperantolândia”, não há em sua proposta, uma tomada ou submissão de poder cultural e sim um convite

ao dialogo entre iguais, seja quem for e de onde for. O Esperanto não faz com que se abandone as tradições regionais ou as simplesmente transforme em teatro para turistas com fins lucrativos, e sim uma base para relações entre iguais, um ponto de equilíbrio intercultural, muito útil se queremos um mundo melhor, justo e igualitário. Neste sentido, muitos anarquistas apoiam o projeto esperantista.

Nota:

No Brasil, devemos notar que os grupos "oficiais" do Esperanto se empenham por demais em legalizar o esperanto pelos meios tradicionais, ou seja, ganhar a simpatiza de políticos e partidos profissionais para conseguirem espaços na legislação (aliás prática "clientelista" comum e muito difundida entre "n" setores de nosso país).

Ao nosso ver como anarquistas, é uma prática danosa por ser autoritária, de cima para baixo, que leva a ações impositivas a nossa sociedade, criando uma rejeição social refratária ao esperanto (por ser imposto). Quanto mais nossa sociedade abre mão de sua autonomia e delega aos representantes, menos capacidade de ação e controle tem sobre si própria. No caso ficar "mendigando" aos políticos e partidos favores prol o Esperanto, é um desserviço ao idioma, por torna-lo "institucional", sem ter na prática reflexo direto na sociedade, se tornando uma "curiosidade idiomática".

O fato de não fazer a popularização do Esperanto na sociedade e ficar pleiteando favores pelas instâncias representativas é um sintoma que no fim o compromisso é profissionalizar a língua e não faze-la viva como parte de nosso convívio. O caminho ao nosso ver é inverso do que fazem, ou seja, atuar mais nas ruas e menos nos gabinetes de políticos e partidos.

Vote NULO!!!

Não sustente parasitas!

Politica? Só se for de ação direta sem partidos, sem Estado!

Autogestão Já!

Saiba mais sobre a proposta anarquista,

Outra jeito de fazer política!

http://anarkio.net lobo@riseup.net

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net

ESTUDOS ANARQUISTAS

AUTOGESTÃO - FEDERALISMO - AÇÃO DIRETA -

SOLIDARIEDADE REVOLUCIONÁRIA - ANTIAUTORITARISMO

CLASSISMO COMBATIVO - APOIO MUTUO - LUTA POPULAR

ANACIONALISMO - PODER POPULAR

Aberto a tod@s @s interessad@s,
A emancipação d@s explorad@s e oprimid@s é obra dos própri@s explorad@s e oprimid@s!

Quinta-feira as 19:30h - Frente Biblioteca do IFCH /Unicamp

Mais informações: lobo@riseup.net

HTTP://ANARKIO.NET